

Desafios e possibilidades do trabalho de campo na Geografia

Challenges and possibilities of the field work in Geography

Júlia Crespo Caldeira Monari¹

Resumo: O presente ensaio apresenta reflexões sobre a prática do trabalho de campo na Geografia, e sua aplicação em três áreas distintas: ensino, pesquisa e extensão. Para isso, é feita uma revisão bibliográfica que contempla a delimitação conceitual a respeito do objeto de estudo e investigação da ciência geográfica – o espaço – e sobre a importância de uma abordagem capaz de articular métodos, metodologias e teoria para o desenvolvimento de uma interpretação das dimensões dos fenômenos que se imprimem no espaço.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Geografia. Ensino. Olhar geográfico.

Abstract: This essay presents reflections on the practice of field work in Geography and its application in three distinct areas: teaching, research and extension. Therefore, it is made a bibliographical review that contemplates the conceptual delimitation regarding the object of study and investigation of geographic science – space – and the importance of an approach that is capable of articulating methods, methodologies and theory for the development of an interpretation of dimensions of the phenomena that are imprinted in space.

Keywords: Field work. Geography. Teaching. Geographic perception.

Introdução

O trabalho de campo é uma prática comum às ciências da observação, como a Geografia, que ao se constituir como campo de conhecimento, adotou como ferramenta extremamente importante para a investigação de seu objeto de estudo: o espaço. Inicialmente, então, faz-se importante apontar que o conceito de espaço passou por sucessivas reinterpretações ao longo do desenvolvimento da ciência geográfica e que, para o melhor entendimento dos pontos abordados no presente ensaio, o conceito será tratado sob uma perspectiva *miltoniana* que o coloca tanto como fator quanto como reflexo social, visto que a sociedade se materializa através do espaço, deixando seus testemunhos na paisagem e, por isso, o espaço só é compreensível através dos

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Viçosa. Orcid: <<https://orcid.org/0009-0009-5164-6219>>. E-mail: julia.monari@ufv.br.

sistemas de ações, objetos e técnicas das sociedades (Santos, 1977; 2002). Sobre isso, completa Silva (2002):

[...] o espaço geográfico é *social, produzido*, isto é, resulta de um processo de formação, de desenvolvimento e de tecnificação, contendo a marca da sociedade que o produziu, o que define, portanto, a concepção de que a Geografia é uma ciência social e que o espaço geográfico, sob essa concepção, é compreendido como a materialização da própria sociedade [...] (Silva, 2002, p. 63)

As ciências humanas são construídas por sujeitos que tentam, através da observação, explicar o mundo e os fenômenos nele ocorridos (Claval, 2013), seja em escala local, regional ou global. Se a Geografia busca compreender a produção do espaço geográfico, ela deve, portanto, se empenhar em superar a dicotomia que a assombra e fortalecer a habilidade de analisar os fenômenos em sua complexidade e diversidade de fatores. Tal exercício, de fato, não é dos mais simples e por isso o trabalho de campo se apresenta como uma ferramenta valiosa para a apreensão dos fenômenos em sua complexidade e não apenas de parte dele, proporcionando uma visão de conjunto (Serpa, 2006). Por isso, refletir-se-á aqui sobre a importância da pesquisa de campo para o desenvolvimento da Geografia em diferentes âmbitos: pesquisa, ensino e extensão.

No entanto, é importante pontuar que o trabalho de campo, em si, constitui uma pesquisa que será desenvolvida de acordo com fins específicos, podendo ser aplicada desde a educação básica quanto ao ensino superior e em projetos de extensão. O trabalho de campo não é simplesmente a visita ao local da pesquisa e tampouco um passeio, mas sim uma experiência na qual o pesquisador direciona intencionalmente seu olhar para a observação do espaço estudado em seus diferentes espectros, proporcionando a sistematização dos elementos observados e sua associação à interpretação do fenômeno em análise. Por isso, é prudente dizer que se alteram os métodos e (ou) metodologias e finalidades de cada campo, mas de forma alguma reduz-se a sua importância.

Nesse sentido, é comum que se aponte a necessidade de planejar a pesquisa de campo, seja para a coleta de dados primários – extraídos pelo próprio pesquisador durante o campo – ou para a leitura do local observado a partir do contato prévio com dados secundários – já produzidos anteriormente. Para que a experiência seja satisfatória, é fundamental que se faça o planejamento do trabalho de campo (o que inclui uma visita prévia ao local, a indicação dos métodos a serem utilizados e materiais necessários, os conceitos teóricos que fundamentarão a discussão, o horário adequado para visita, entre outros), para só então desenvolver o trabalho e, finalmente, trabalhar o resultado de acordo com os dados coletados. No mesmo sentido, Serpa (2006) indica que

O trabalho de campo em Geografia requer a definição de espaços de conceituação adequados aos fenômenos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação para que sejam revelados e tornados visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade (Serpa, 2006, p. 9).

Desenvolvimento

Além da importância do planejamento, é primordial ao pesquisador a habilidade de fazer as abordagens teóricas e críticas que auxiliam na interpretação do fenômeno utilizando-se de todas as informações extraídas nas etapas da pesquisa, desde a revisão bibliográfica até a análise dos dados coletados em campo. Suertegaray (2009) aponta que pesquisar é realizar uma busca a fim de responder questões que nos inquietam e que a relação entre sujeito e objeto em uma pesquisa possui diversas interpretações, a depender do método ou metodologia escolhida. Isso certamente refletirá a visão de mundo do pesquisador responsável e é de extrema importância que o mesmo se atente a suas escolhas para se manter no papel de sujeito do processo, e não de objeto do processo (Suertegaray, 2009; Claval, 2013). Assim, Serpa (2006) reforça que teoria e metodologia devem caminhar juntas e, sobre isso, argumenta:

O fantasma do empirismo que ronda a produção do conhecimento geográfico leva muitas vezes o pesquisador a reflexões teóricas elaboradas, mas sem a fundamentação empírica necessária à demonstração e à validação dos conceitos, que aparecem não raro descolados da realidade. Ou então se tem o oposto: bons bancos de dados e técnicas elaboradas de representação da realidade, sem a reflexão teórica necessária e fundamental à compreensão e análise crítica do conteúdo empírico pesquisado. Essa separação não existe e é um construto artificial, teoria e trabalho de campo são dois lados da mesma moeda (Serpa, 2006, p. 10).

Quando pensado para a educação básica, o trabalho de campo é uma prática seminal para o desenvolvimento do olhar geográfico dos educandos, mas que constantemente tensiona dificuldades e possibilidades. Mafra e Flores (2017) apontam, em pesquisa realizada sobre o desenvolvimento de trabalho de campo por professores de Geografia da rede pública de Manaus, que os professores pouco utilizam desse recurso e, quando utilizam, apenas reproduzem as pesquisas que experienciaram no ensino superior – como, por exemplo, o uso de relatórios como forma de avaliação da aprendizagem durante o trabalho de campo –, sendo que as principais barreiras encontradas para sua pouca utilização foram:

[...] elevado número de alunos por turma, muitas turmas por professor, dificuldade de obter transporte gratuito para o deslocamento, distância da escola até o local a ser estudado, indisciplina dos alunos, falta de apoio da administração da escola, dificuldade de formar parceria com professores de outras disciplinas com o intuito de realizar trabalhos interdisciplinares e dividir responsabilidades e receio de acontecer acidentes e serem responsabilizados, aliado à falta de preparo para o planejamento e execução da atividade com os alunos (Mafra; Flores, 2017, p. 14).

Ir a campo com os educandos é uma forma de romper com o “ensino tradicional” e de proporcionar uma observação direta e tangível do fenômeno em questão. Claval (2013) aponta que as contribuições de Rousseau e Pestalozzi para compreender a importância da experimentação e do confronto com o mundo real para a educação se concretizaram na França do século XIX, onde a geografia escolar passa a ser ensinada “objetivamente, com um espírito republicano e nacional; e mostrando, graças à lição das coisas e às saídas de

campo, o que o contato direto com o mundo pode ensinar à criança” (Claval, 2013). Nesse sentido, também apontam Mafra e Flores (2017):

[...] a prática de campo na Geografia escolar básica pode promover o exercício de observar, sentir e refletir, possibilitando novas leituras e interpretações sobre a realidade e a paisagem, as quais, na maioria das vezes, somente o ensino em sala de aula não possibilita o contato direto com o objeto de estudo (Mafra; Flores, 2017, p. 8).

Logo, percebe-se que o trabalho de campo na educação básica é uma forma de instigar a apreensão dos fenômenos comumente trabalhados em sala de aula através de aulas expositivas, mas para o melhor aproveitamento dessa oportunidade de experimentação e observação, é importante que o professor identifique os interesses e necessidades de seus educandos para que os mesmos se sintam mais motivados a participar ativamente e, até mesmo, compreender o trabalho de campo como uma pesquisa, variando também as formas de avaliação utilizadas ao propor que os discentes organizem exposições fotográficas, mapas mentais, vídeos, jornais, entre outros recursos de sintetização das informações extraídas da experiência (Mafra; Flores, 2017).

Vale ressaltar também que há diferenças consideráveis na realização de trabalhos de campo nas redes públicas e privadas da educação básica, visto que na primeira, normalmente, há maior limitação de recursos relacionados ao deslocamento, alimentação e, quando é o caso, a hospedagem dos educandos. Os trabalhos de campo realizados na educação superior, por sua vez, também apresentam diferenças: os graduandos e (ou) pós-graduandos demonstram domínio mais aprofundado sobre a teoria que sustenta a compreensão do fenômeno observado, bem como olhar mais crítico e maior autonomia para sistematização das informações.

Quando aplicado a projetos de extensão, tanto os objetivos quanto as observações feitas a respeito da adequação ao público de interesse se aproximam dos mesmos referentes à educação, pois permite que o extensionista estenda seu olhar sobre o fenômeno trabalhado, tendo mais dimensão de seu contexto histórico e da formação espacial de onde ele

acontece, em um exercício reflexivo a respeito das possíveis leituras socioespaciais que permite compreendê-lo em complexidade ao incorporar à teoria a interpretação dos sinais impressos nas paisagens (Silva *et al.*, 2020).

Conclusão

O trabalho de campo, independentemente se realizado na área de pesquisa, ensino e extensão, é sempre escolhido como uma forma tangível de se compreender o espaço e as relações nele desenvolvidas, sendo importante “buscar sempre a totalidade do espaço enquanto dinâmica e processo, relacionando seus elementos enquanto método, não perdendo de vista o conjunto e o contexto” (Serpa, 2006). Assim, quando realizado coletivamente em todas as suas etapas – desde o planejamento à elaboração dos resultados, permite o enriquecimento das abordagens trazendo possíveis interpretações e caminhos, uma vez que conta com a apreensão de diferentes sujeitos. Contudo, compreende-se também que as possibilidades e limitações da realização do trabalho de campo são diferentes quando aplicadas em cada uma das áreas abordadas neste ensaio, adotando características particulares que devem ser levadas em consideração pelo pesquisador ou professor responsável.

Fato é que o confronto das ideias e conceitos tanto entre o pesquisador e o campo quanto entre os pesquisadores entre si é valiosa para a sistematização e elaboração dos resultados, trazendo à tona elementos oriundos de diferentes percepções sobre a observação socioespacial, permitindo a observação dos fenômenos sobre uma perspectiva de conjunto – assim como é construído e transformado o espaço geográfico –, mostrando sua pluralidade de narrativas e a sua complexidade.

Referências bibliográficas

Claval, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. Tradução: Giovanna Thomaz. Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia, n. 2017, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/8142>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Flores, M. V. P., Mafra, D. A. C. Trabalho de campo no ensino da Geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia-MG, n. 15, v. 8, p. 6-16, 2º semestre de 2017. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N15/Art1-v8-n15-Revista-Ensino-Geografia-Mafra-Flores.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Santos, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

Santos, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista De Geografia, São Paulo, n. 54, p. 81-100. 1977. Recuperado de: <<https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Serpa, A. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. Boletim Paulista De Geografia, São Paulo, n. 84, p. 7-24, jul. 2006. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/issue/view/57>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Silva, A. M. R. Trabalho de Campo: prática "andante" de fazer Geografia. Geo UERJ: Revista do Departamento de Geografia, UERJ, RJ, n. 11, p. 61-74, 1º semestre de 2002. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49158>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Silva, C. M., Santana, J. N., Santos, J. S., Silva, A. M. G. Projeto de extensão a geografia e a cultura dos lendários da capoeira: o trabalho de campo como estratégia metodológica. Brazilian Journal of Development, Curitiba, n. 10, v. 6, p. 78079-78091, out. 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/18223>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Suertegaray, D. M. A. Pesquisa de Campo em Geografia. Geographia, v. 4, n. 7, p. 64-68, set. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/geographia2002.v4i7.a13423>>. Acesso em: 10 abr. 2023.